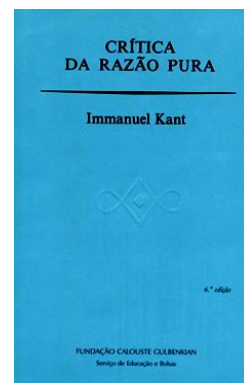


## O Criticismo Kantiano

Influenciado pela leitura de Hume, em especial pelas críticas que este faz ao dogmatismo racionalista, Kant (1724-1804) tenta encontrar uma solução que supere a dicotomia representada pelo ceticismo empírico e pelo racionalismo.

Tendo como pressuposto o ideal iluminista da razão autônoma capaz de construir conhecimento, Kant vê a necessidade de proceder à análise crítica da própria razão como meio de estabelecer seus limites e suas possibilidades. Podemos sintetizar o problema kantiano na seguinte pergunta:



***É possível conhecer o ser em si, o suprasensível ou meta-físico (além do físico) fazendo uso de procedimentos rigorosos da razão? (Por seres metafísicos ele entende Deus, a liberdade e a imortalidade.)***

O primeiro passo para obter a resposta é fazer a crítica da razão pura. Nas palavras de Kant, a crítica é um convite feito à razão para empreender de novo a mais difícil das tarefas, o conhecimento de si mesma, e para instituir um tribunal que a garanta nas suas pretensões legítimas e que possa, em contrapartida, condenar todas as usurpações sem fundamento". Para empreender essa tarefa, Kant propõe o "método transcendental", método analítico com o qual empreenderá a decomposição e o exame das condições de conhecimento e dos fundamentos da ciência e da experiência em geral. Feita a reflexão crítica, chega à conclusão de que há duas fontes de conhecimento:

a **sensibilidade**, que nos dá os objetos.  
o **entendimento**, que pensa acerca desses objetos.



**Só pela conjugação das duas fontes é possível ter a experiência do real.**

É a partir desses dados que Kant faz a revolução na teoria do conhecimento; em vez de admitir que nosso conhecimento se regula pelo objeto, inverte a hipótese: são os objetos que devem se regular pelo nosso modo de conhecer. O sujeito cognoscente tem formas (ou modos próprios) a partir das quais recebe os objetos.

As formas ou os conceitos a priori (anteriores à experiência) são as condições universais e necessárias para o aparecimento de qualquer coisa à percepção humana e para que esse aparecimento se torne progressivamente mais inteligível ao entendimento. Por essa razão, as formas são constitutivas de toda a nossa experiência de mundo, de todo o nosso conhecimento. Isso quer dizer que não somos folhas em branco, sobre as quais os objetos deixam suas impressões, mas, como sujeitos do conhecimento, ajudamos a construí-lo, colaboramos com nosso modo de perceber e entender o mundo.

Como consequência, só conhecemos os fenômenos enquanto se relacionam a nós, sujeitos, e não à realidade em si, tal qual é, independentemente da relação de conhecimento.

As formas a priori dividem-se em:

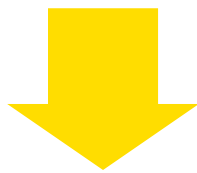
- **formas a priori da sensibilidade** - espaço e tempo;
- **formas a priori do entendimento puro** - formas relacionais como causa e efeito, substância e atributo.

A experiência, portanto, é uma unidade sintética, ou seja, não é só a combinação de matéria ("aquilo que no fenômeno corresponde à sensação") e forma ("aquilo que faz com que a diversidade do fenômeno seja ordenada na intuição, através de certas relações"), mas, também, a combinação das formas da intuição e do entendimento e suas relações funcionais.

As formas tornam a ciência possível, porque introduzem ordem e coerência nos fenômenos. Por essa via, é resguardada a possibilidade do conhecimento dos fenômenos. Kant, entretanto, conclui pela impossibilidade do conhecimento por meio do uso puramente especulativo da razão.

A razão especulativa, porém, embora não possa conhecer o ser em si - abstrato, que não se oferece à experiência e aos sentidos pode pensá-lo e coloca problemas que só serão resolvidos no âmbito da razão prática, isto é, no campo da ação e da moral. Ou seja, embora Deus, a liberdade e a imortalidade não possam ser conhecidos (agnosticismo) por não terem uma matéria que se ofereça à experiência sensível, nem por isso têm sua existência negada. Se o conhecimento não nos leva até eles, devemos encontrar uma outra via de acesso, uma vez que a liberdade, por exemplo, é o fundamento da vida moral.

**Exemplificando:** a nossa percepção dos objetos sensíveis sempre os relaciona a um espaço, isto é, esses objetos se posicionam mais para a frente ou mais para trás, mais ao alto ou mais abaixo, à direita ou à esquerda de outros objetos que tomamos como referência. Também classificamos essa percepção como anterior, posterior ou simultânea a outras. Essa atividade relacional só é possível por meio das formas a priori da sensibilidade. Do mesmo modo, relacionamos algumas percepções sucessivas como pertencendo à categoria de causa e efeito.



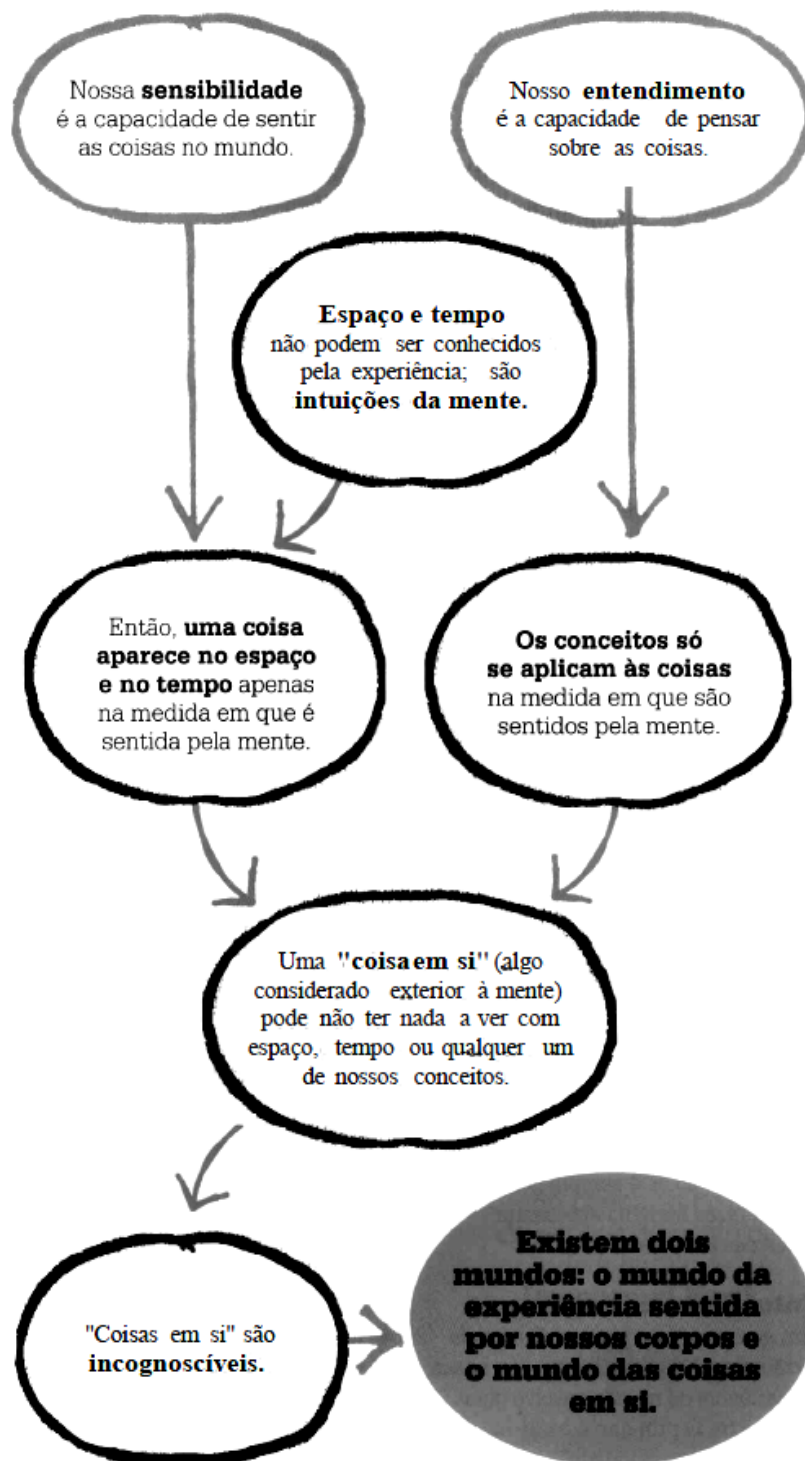
### JUÍZO ANALÍTICO

É um juízo que formulamos a *priori*, sem a necessidade de recorrer à experiência, dado que, com, ele, expressamos no sujeito. Consequentemente, ele é universal e necessário, mas não amplificador do conhecer. Portanto, a ciência se vale amplamente desses juízos para esclarecer e explicar muitas coisas, mas não se baseia neles quando amplia seu próprio conhecimento. O juízo típico da ciência. Ex: O triângulo possui 3 lados; Todo corpo é extenso; Princípio da identidade.

### JUÍZO SINTÉTICO

É um juízo a *posteriori* ao contrário do analítico, amplia o conhecimento, à medida que me diz sempre algo de novo do sujeito, que não estava contido implicitamente nele. Os juízos sintéticos mais comuns são aqueles que formulamos baseando-se na experiência. Ex: A régua é verde; Todo homem é moral; Todo homem é racional;  $7 + 5 = 12$ .

# A Consciência



Em Kant para que algo exista, deve ser determinável no tempo, isto é, devemos ser capazes de dizer quando ele existe e por quanto tempo. Mas como isso funciona no caso da consciência?

Embora a consciência pareça estar mudando constantemente com um fluxo contínuo de sensações e pensamentos, podemos usar a palavra "agora" para nos referirmos ao que está acontecendo neste momento em nossas consciências. Mas "agora" não é um tempo ou data determinada: toda vez que digo "agora", a consciência é diferente.

Aqui se encontra o problema: o que torna possível especificar o "quando" da minha própria existência? Não podemos experimentar o tempo em si, diretamente; em vez disso, experimentamos o tempo por meio das coisas que se movem, mudam ou permanecem iguais. Considere os ponteiros de um relógio, girando de maneira lenta. Os ponteiros que se movem são inúteis para determinar o tempo por si só - precisam de algo diante do qual mudar, como os números no mostrador do relógio. Todo recurso que tenho para medir o meu "agora" constantemente em mudança é encontrado nos objetos materiais fora de mim, no espaço (incluindo meu próprio corpo físico). Dizer que eu existo exige um determinado momento no tempo, e isso, por sua vez, exige um mundo externo realmente existente no qual o tempo ocorre. Meu nível de certeza sobre a existência do mundo externo é, por conseguinte, igual ao meu nível de certeza sobre a existência da consciência - o que Descartes acreditava que era absolutamente certo.

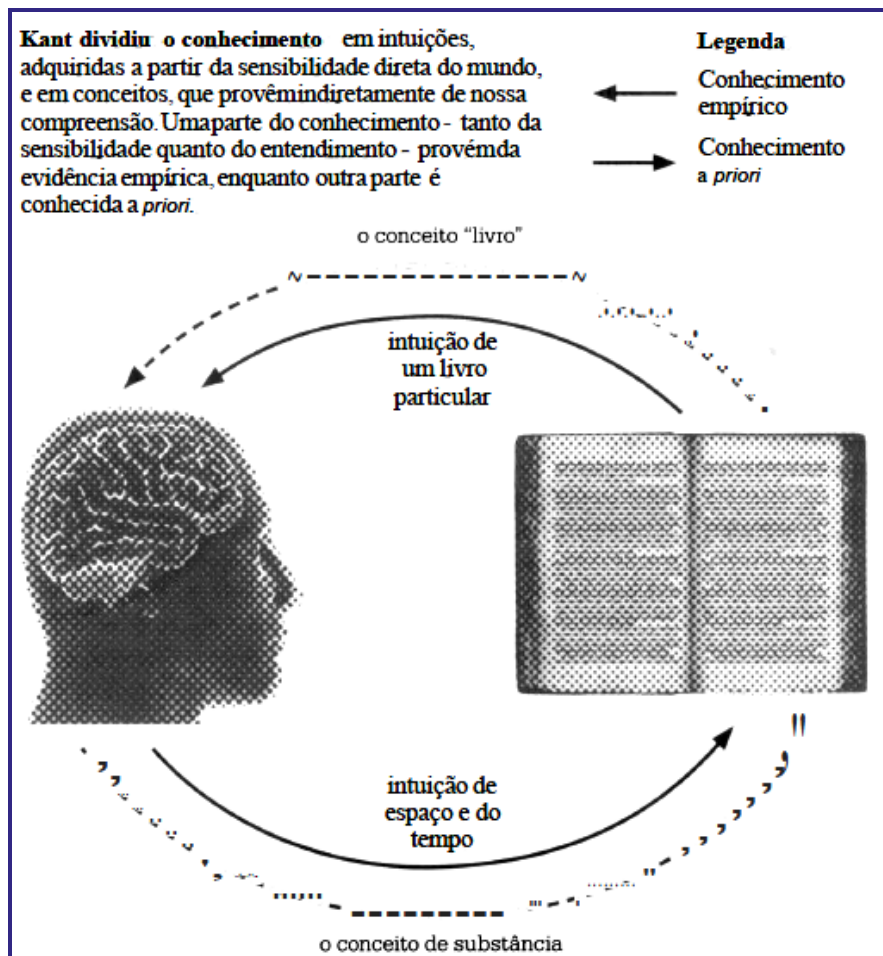
## A Ciência

🌐 Kant também investigou como a ciência entendia o mundo exterior. Kant, junto com outros filósofos, indagava-se sobre o que era feito de maneira correta na pesquisa científica. A resposta dada por muitos filósofos do período foi o empirismo. Os empiristas, tais como John Locke e David Hume, argumentavam que não há conhecimento, exceto aquele que chega a nós através de nossa experiência do mundo. Eles se opunham às visões de filósofos racionalistas como Descartes ou Gottfried Leibniz, que argumentavam que a capacidade da mente para raciocinar e lidar com conceitos é mais importante para o conhecimento do que a experiência.

🌐 A questão real, argumentou Kant, é que um novo método científico surgiu e validou as observações empíricas. Esse método envolve dois elementos. Primeiro, afirma que conceitos como força ou movimento podem ser perfeitamente descritos pela matemática. Segundo, testa seus próprios conceitos de mundo ao fazer perguntas específicas sobre a natureza e ao examinar as respostas. Por exemplo, o físico experimental Galileu Galilei queria testar a hipótese de que dois objetos de pesos diferentes cairiam pelo ar com a mesma velocidade - e criou um experimento para testar isso de tal maneira que a única explicação possível para o resultado observado seria a verdade ou falsidade da hipótese.

🌐 Kant identificou a natureza e a importância do método científico. Ele acreditava que esse método tinha colocado a física e outras disciplinas no "caminho seguro de uma ciência". No entanto, sua investigação não parou aí. A questão seguinte foi: "Por que razão nossa experiência de mundo é de tal forma que o método científico funciona?". Em outras palavras, por que nossa experiência científica de mundo é sempre matemática na natureza, e como é sempre possível para a razão humana apresentar questões à natureza?

# Intuições e Conceitos



🌐 Em sua obra mais famosa, *Crítica da razão pura*, Kant argumenta que nossa experiência de mundo envolve dois elementos. O primeiro é o que ele chama de "sensibilidade" – nossa capacidade de experimentar diretamente coisas particulares no espaço e no tempo, como este livro, por exemplo. Essa experiência direta ele chama de "intuições". O segundo é o que Kant chama de "entendimento", nossa capacidade de ter e usar conceitos. Para Kant, um conceito é uma experiência indireta com as coisas, como o conceito de "livro" em geral. Sem conceitos não saberíamos que nossa intuição era a de um livro; sem intuições, nunca saberíamos que existem livros.

🌐 Cada um desses elementos tem, por sua vez, dois lados. Na sensibilidade está a minha intuição de uma coisa particular no espaço e no tempo (como o livro) e minha intuição de espaço e tempo como tal (minhas experiências com o espaço e o tempo se assemelham, em geral). No entendimento está o meu conceito de algum tipo de coisa (livros) e meu conceito de uma "coisa" como tal (substância). Um conceito como substância define o que significa ser uma coisa em geral, em vez de definir algum tipo de coisa como um livro. Minha intuição de um livro e o conceito de um livro são empíricos - como eu poderia saber qualquer coisa sobre livros a menos que tivesse deparado com eles no mundo? Mas minha intuição de espaço e tempo e o conceito de substância são a priori – o que significa que eles são conhecidos antes ou independentemente de qualquer experiência empírica.

# TREINANDO PARA O ENEM

**1. (Uerj)** O Iluminismo é a saída do homem do estado de tutela, pelo qual ele próprio é responsável.

*O estado de tutela é a incapacidade de utilizar o próprio entendimento sem a condução de outrem. Cada um é responsável por esse estado de tutela quando a causa se refere não a uma insuficiência do entendimento, mas à insuficiência da resolução e da coragem para usá-lo sem ser conduzido por outrem. Sapere aude!\* Tenha a coragem de usar seu próprio entendimento. Essa é a divisa do Iluminismo.*

IMMANUEL KANT (1784)

*\*Expressão latina que significa "tenha a coragem de saber, de aprender".*

In: BOMENY, Helena e FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Tempos modernos, tempos de sociologia*. São Paulo: Ed. do Brasil, 2010.

No contexto da expansão capitalista no século XIX, uma das ideias centrais do Iluminismo, de acordo com o texto, está associada diretamente à valorização da:

- a) superioridade técnica
- b) soberania econômica
- c) liberdade política
- d) razão científica

**2. (Uel)** Leia o texto a seguir:

*As leis morais juntamente com seus princípios não só se distinguem essencialmente, em todo o conhecimento prático, de tudo o mais onde haja um elemento empírico qualquer, mas toda a Filosofia moral repousa inteiramente sobre a sua parte pura e, aplicada ao homem, não toma emprestado o mínimo que seja ao conhecimento do mesmo (Antropologia).*

KANT, I. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Trad. de Guido A. de Almeida. São Paulo: Discurso Editorial, 2009. p.73.

Com base no texto e na questão da liberdade e autonomia em Immanuel Kant, assinale a alternativa correta.

- a) A fonte das ações morais pode ser encontrada através da análise psicológica da consciência moral, na qual se pesquisa mais o que o homem é, do que o que ele deveria ser.
- b) O elemento determinante do caráter moral de uma ação está na inclinação da qual se origina, sendo as inclinações serenas moralmente mais perfeitas do que as passionais.
- c) O sentimento é o elemento determinante para a ação moral, e a razão, por sua vez, somente pode dar uma direção à presente inclinação, na medida em que fornece o meio para alcançar o que é desejado.
- d) O ponto de partida dos juízos morais encontra-se nos "propulsores" humanos naturais, os quais se direcionam ao bem próprio e ao bem do outro.
- e) O princípio supremo da moralidade deve assentar-se na razão prática pura, e as leis morais devem ser independentes de qualquer condição subjetiva da natureza humana.

**3. (Unesp)** *A fonte do conceito de autonomia da arte é o pensamento estético de Kant. Praticamente tudo o que fazemos na vida é o oposto da apreciação estética, pois praticamente tudo o que fazemos serve para alguma coisa, ainda que apenas para satisfazer um desejo. Enquanto objeto de apreciação estética, uma coisa não obedece a essa razão instrumental: enquanto tal, ela não serve para nada, ela vale por si. As hierarquias que entram em jogo nas coisas que obedecem à razão instrumental, isto é, nas coisas de que nos servimos, não entram em jogo nas obras de arte tomadas enquanto tais. Sendo assim, a luta contra a autonomia da arte tem por fim submeter também a arte à razão instrumental, isto é, tem por fim recusar também à arte a dimensão em virtude da qual, sem servir para nada, ela vale por si. Trata-se, em suma, da luta pelo empobrecimento do mundo.*

(Antônio Cícero. "A autonomia da arte". Folha de São Paulo, 13.12.2008. Adaptado.)

De acordo com a análise do autor,

- a) a racionalidade instrumental, sob o ponto de vista da filosofia de Kant, fornece os fundamentos para a apreciação estética.
- b) um mundo empobrecido seria aquele em que ocorre o esvaziamento do campo estético de suas qualidades intrínsecas.
- c) a transformação da arte em espetáculo da indústria cultural é um critério adequado para a avaliação de sua condição autônoma.
- d) o critério mais adequado para a apreciação estética consiste em sua validação pelo gosto médio do público consumidor.
- e) a autonomia dos diversos tipos de obra de arte está prioritariamente subordinada à sua valorização como produto no mercado.

**4. (Ufsm)** A necessidade de conviver em grupo fez o homem desenvolver estratégias adaptativas diversas. Darwin, num estudo sobre a evolução e as emoções, mostrou que o reconhecimento de emoções primárias, como raiva e medo, teve um papel central na sobrevivência. Estudos antigos e recentes têm mostrado que a moralidade ou comportamento moral está associado a outros tipos de emoções, como a vergonha, a culpa, a compaixão e a empatia. Há, no entanto, teorias éticas que afirmam que as ações boas devem ser motivadas exclusivamente pelo dever e não por impulsos ou emoções. Essa teoria é a ética

- a) deontológica ou kantiana.
- b) das virtudes.
- c) utilitarista.
- d) contratualista.
- e) teológica.

**5. (Uema)** Fraqueza e covardia são as causas pelas quais a maioria das pessoas permanece infantil mesmo tendo condição de libertar-se da tutela mental alheia. Por isso, fica fácil para alguns exercer o papel de tutores, pois muitas pessoas, por comodismo, não desejam se tornar adultas. Se tenho um livro que pensa por mim; um sacerdote que dirige minha consciência moral; um médico que me prescreve receitas e, assim por diante, não necessito preocupar-me com minha vida. Se posso adquirir orientações, não necessito pensar pela minha cabeça: transfiro ao outro esta penosa tarefa de pensar.

*Fonte: I. Kant, O que é a ilustração. In: F. Weffort (org). Os clássicos da política, v. 2, 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2006.*

Esse fragmento compõe o livro de Kant que trata da importância da(o)

- a) juízo.
- b) razão.
- c) cultura.
- d) costume.
- e) experiência.

**6. (Pucpr)** A preocupação sobre o futuro da natureza e a ação da civilização tecnológica apresenta-se como traços constitutivos do pensamento de Hans Jonas. Neste sentido, o *princípio responsabilidade* pretende superar as éticas tradicionais, as quais o autor chama de “éticas da similitude”.

A respeito da reflexão ética de Hans Jonas, assinale a alternativa **INCORRETA**.

- a) A responsabilidade não tem nenhuma implicância e relevância com relação às futuras gerações, associando-se, assim, com a ética de Kant.
- b) A responsabilidade adquire uma nova dimensão pela técnica que as éticas tradicionais (por exemplo, a ética aristotélica) não comportam, uma vez que estas não apontam para as consequências futuras.
- c) As éticas tradicionais primam pelo antropocentrismo, tornando-se, assim, um problema, pois não buscam um fim imanente também na natureza.
- d) A responsabilidade pelas futuras gerações e pelo todo orgânico são elementos fundamentais na proposta ética de Hans Jonas.
- e) A responsabilidade não pode ser uma relação recíproca, uma vez que tal relação se move incidindo numa ética futurista.

**7. (Uel)** Leia o texto a seguir: *Kant, mesmo que restrito à cidade de Königsberg, acompanhou os desdobramentos das Revoluções Americana e Francesa e foi levado a refletir sobre as convulsões da história mundial. Às incertezas da Europa plebeia, individualista e provinciana, contrapôs algumas certezas da razão capazes de restabelecer, ao menos no pensamento, a sociabilidade e a paz entre as nações com vista à constituição de uma federação de povos – sociedade cosmopolita.*

(Adaptado de: ANDRADE, R. C. "Kant: a liberdade, o indivíduo e a república". In: WEFORT, F. C. (Org.). *Clássicos da política*. v.2. São Paulo: Ática, 2003. p.49-50.)

Com base nos conhecimentos sobre a Filosofia Política de Kant, assinale a alternativa correta.

- a) A incapacidade dos súditos de distinguir o útil do prejudicial torna imperativo um governo paternal para indicar a felicidade.
- b) É chamado cidadão aquele que habita a cidade, sendo considerados cidadãos ativos também as mulheres e os empregados.
- c) No Estado, há uma igualdade irrestrita entre os membros da comunidade e o chefe de Estado.
- d) Os súditos de um Estado Civil devem possuir igualdade de ação em conformidade com a lei universal da liberdade.
- e) Os súditos estão autorizados a transformar em violência o descontentamento e a oposição ao poder legislativo supremo.

**8. (Unesp)** "Religião sempre foi um negócio lucrativo." Assim começa uma reportagem da revista americana *Forbes* sobre os milionários bispos fundadores das maiores igrejas evangélicas do Brasil. A revista fez um ranking com os líderes mais ricos. No topo da lista, está o bispo Edir Macedo, que tem uma fortuna estimada em R\$ 2 bilhões, segundo a revista. Em seguida, vem Valdemiro Santiago, com R\$ 400 milhões; Silas Malafaia, com R\$ 300 milhões; R. R. Soares, com R\$ 250 milhões, e Estevan Hernandes Filho e a bispa Sônia, com R\$ 120 milhões juntos. A *Forbes* também destaca o crescimento dos evangélicos no Brasil – de 15,4% para 22,2% da população na última década –, em detrimento dos católicos. Hoje, os católicos romanos somam 64,6% da população, ou 123 milhões de brasileiros. Os evangélicos, por sua vez, já somam 42 milhões, em uma população total de 191 milhões de pessoas.

(Forbes lista os seis líderes milionários evangélicos no Brasil.uol.com.br, 19.01.2013. Adaptado.)

<sup>51</sup>

Os fatos descritos na reportagem são compatíveis filosoficamente com uma concepção

- a) teológico-protestante, baseada na valorização do sacrifício pessoal e da prosperidade material.
- b) kantiana, que preconiza a possibilidade de se atingir a maioria intelectual.
- c) cartesiana, que pressupõe a existência de Deus como condição essencial para o conhecimento racional.
- d) dialético-materialista, baseada na necessidade de superação do trabalho alienado.
- e) teológico-católica, defensora da caridade e idealizadora de virtudes associadas à pobreza.

**9. (Unioeste)** "A necessidade prática de agir segundo este princípio, isto é, o dever, não assenta em sentimentos, impulsos e inclinações, mas, sim, somente na relação dos seres racionais entre si, relação essa em que a vontade de um ser racional tem de ser considerada sempre e simultaneamente como legisladora, porque de outra forma não podia pensar-se como fim em si mesmo. A razão relaciona, pois, cada máxima da vontade concebida como legisladora universal com todas as outras vontades e com todas as ações para conosco mesmos, e isto não em virtude de qualquer outro móbil prático ou de qualquer vantagem futura, mas em virtude da ideia da dignidade de um ser racional que não obedece à outra lei senão àquela que ele mesmo simultaneamente dá a si mesmo. [...] O que se relaciona com as inclinações e necessidades gerais do homem tem um preço venal [...], aquilo, porém, que constitui a condição só graças a qual qualquer coisa pode ser um fim em si mesma, não tem somente um valor relativo, isto é, um preço, mas um valor íntimo, isto é, dignidade". Kant



Considerando o texto citado e o pensamento ético de Kant, seguem as afirmativas abaixo:

I. Para Kant, existe moral porque o ser humano e, em geral, todo o ser racional, fim em si mesmo e valor absoluto, não deve ser tomado simplesmente como meio ou instrumento para o uso arbitrário de qualquer vontade.

II. Fim em si mesmo e valor absoluto, o ser humano é pessoa e tem dignidade, mas uma dignidade que é, apenas, relativamente valiosa, por se encontrar em dependência das condições psicossociais e político-econômicas nas quais vive.

III. A moralidade, única condição que pode fazer de um ser racional fim em si mesmo e valor absoluto, pelo princípio da autonomia da vontade, e a humanidade, enquanto capaz de moralidade, são as únicas coisas que têm dignidade.

IV. As pessoas têm dignidade porque são seres livres e autônomos, isto é, seres que se submetem às leis que se dão a si mesmos, atendendo imediatamente aos apelos de suas inclinações, sentimentos, impulsos e necessidades.

V. A *autonomia* da vontade é o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda natureza racional e, por esta razão, a vontade não está simplesmente submetida à lei, mas submetida à lei por ser concebida como vontade legisladora universal, ou seja, se submete à lei na exata medida em que ela é a autora da lei (moral).

Das afirmativas feitas acima

- a) somente a afirmação I está incorreta.
- b) somente a afirmação III está incorreta.
- c) as afirmações II e IV estão incorretas.
- d) as afirmações II e III estão incorretas.
- e) as afirmações II, III e V estão incorretas.

**10. (Ufsm)** Os filósofos Ame Naess e George Sessions propuseram, em 1984, diversos princípios para uma ética ecológica profunda, entre os quais se encontra o seguinte: *O bem-estar e o florescimento da vida humana e não humana na Terra têm valor em si mesmos. Esses valores são independentes da utilidade do mundo não humano para finalidades humanas.*

Considere as seguintes afirmações:

I. A ética kantiana não se baseia no valor de utilidade das ações.

II. “Valor intrínseco” é um sinônimo para “valor em si mesmo”.

III. A ética utilitarista rejeita a concepção de que as ações têm valor em si mesmas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas III.
- d) apenas I e II.
- e) I, II e III.

**11. (Ufu)** *Autonomia da vontade é aquela sua propriedade graças à qual ela é para si mesma a sua lei (independentemente da natureza dos objetos do querer). O princípio da autonomia é, portanto: não escolher senão de modo a que as máximas da escolha estejam incluídas simultaneamente, no querer mesmo, como lei universal.*

KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 85.

De acordo com a doutrina ética de Kant:

- a) O Imperativo Categórico não se relaciona com a matéria da ação e com o que deve resultar dela, mas com a forma e o princípio de que ela mesma deriva.
- b) O Imperativo Categórico é um cânone que nos leva a agir por inclinação, vale dizer, tendo por objetivo a satisfação de paixões subjetivas.
- c) Inclinação é a independência da faculdade de apetição das sensações, que representa aspectos objetivos baseados em um julgamento universal.
- d) A boa vontade deve ser utilizada para satisfazer os desejos pessoais do homem. Trata-se de fundamento determinante do agir, para a satisfação das inclinações.

**12. (Enem)** Até hoje admitia-se que nosso conhecimento se devia regular pelos objetos; porém todas as tentativas para descobrir, mediante conceitos, algo que ampliasse nosso conhecimento, malogravam-se com esse pressuposto. Tentemos, pois, uma vez, experimentar se não se resolverão melhor as tarefas da metafísica, admitindo que os objetos se deveriam regular pelo nosso conhecimento.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Calouste-Gulbenkian, 1994 (adaptado).

O trecho em questão é uma referência ao que ficou conhecido como revolução copernicana na filosofia. Nele, confrontam-se duas posições filosóficas que

- a) assumem pontos de vista opostos acerca da natureza do conhecimento.
- b) defendem que o conhecimento é impossível, restando-nos somente o ceticismo.
- c) revelam a relação de interdependência entre os dados da experiência e a reflexão filosófica.
- d) apostam, no que diz respeito às tarefas da filosofia, na primazia das ideias em relação aos objetos.
- e) refutam-se mutuamente quanto à natureza do nosso conhecimento e são ambas recusadas por Kant.

**13. (Enem)** *Esclarecimento é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento. A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma tão grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma condição estranha, continuam, no entanto, de bom grado menores durante toda a vida.*

KANT, I. *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?* Petrópolis: Vozes, 1985 (adaptado).

Kant destaca no texto o conceito de Esclarecimento, fundamental para a compreensão do contexto filosófico da Modernidade. Esclarecimento, no sentido empregado por Kant, representa

- a) a reivindicação de autonomia da capacidade racional como expressão da maioridade.
- b) o exercício da racionalidade como pressuposto menor diante das verdades eternas.
- c) a imposição de verdades matemáticas, com caráter objetivo, de forma heterônoma.
- d) a compreensão de verdades religiosas que libertam o homem da falta de entendimento.
- e) a emancipação da subjetividade humana de ideologias produzidas pela própria razão.

### Gabarito

1.D	2.E	3.B	4.A	5.B	6.A	7.D	8.A	9.C	10.E
11.A	12.A	13.A							